

Dossiê: Pierre Bourdieu e a Literatura

APRESENTAÇÃO

Tania Regina de LUCA¹

A revista *Estudos de Sociologia* traz nesse número um dossiê intitulado “Pierre Bourdieu e a Literatura”. A iniciativa merece ser louvada, uma vez que já se acumula uma densa reflexão, em âmbito nacional e internacional, acerca da contribuição do sociólogo francês para a questão das relações entre a produção cultural, aí incluída a Literatura, e o mundo social. Noutros termos, trata-se de retomar o clássico tema das relações entre indivíduo e sociedade, sempre em pauta nas reflexões epistemológicas.

O conjunto de textos reunidos explora a questão sob múltiplas perspectivas, de modo a fornecer ao leitor um painel crítico e diversificado, que contempla análises de caráter mais acentuadamente metodológico ao lado de outros que submetem à análise, a partir do instrumental sociológico proposto por Pierre Bourdieu, autores e situações históricas concretas.

O dossiê abre-se com um artigo que objetiva estabelecer diálogos entre as Sociologias da Literatura de Pierre Bourdieu e de Raymond Williams, autores cujas obras contam com vasta fortuna crítica. Enio Passiani navega na contracorrente de certos intérpretes que tomam o primeiro como um teórico dos processos de reprodução da ordem cultural dominante e associam o segundo à teoria das mudanças culturais e estéticas. Segundo a análise apresentada, que passa em revista os conceitos de *habitus* e de estruturas de sentimentos, as temáticas da mudança e da reprodução se fazem presentes em ambos, ainda que com diferente ênfase. Em lugar de insistir em possíveis antinomias, o texto é um convite para o estabelecimento de aproximações e mesmo complementaridades que, por sua vez, abrem diversas perspectivas teórico-metodológicas, entre as quais merece destaque a construção de uma Sociologia da leitura.

No texto seguinte, de Andréa Borges Leão, a problemática da constituição de um campo literário, com suas instituições e disputas historicamente configuradas, tão meticulosamente tratadas por Bourdieu a partir do exemplo de Flaubert, é revisitada com o intuito de discutir o estatuto da criação e da originalidade em Literatura. A

¹ Pesquisadora do CNPq. UNESP – Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências e Letras de Assis - Departamento e curso de Pós-graduação em História. Assis – SP – Brasil – 19806-900 – trdeluca@uol.com.br

abordagem ganha novos contornos diante dos conceitos de singularidade literária e de autenticidade, caros a Nathalie Heinich, que permitem refletir sobre o sujeito escritor, suas inovações e criatividade. Sem perder de vista que a apreensão dos textos depende da interação de múltiplos agentes e de redes específicas, encarregadas da mediação produtor, obra e público, esse enfoque levanta a delicada questão da recepção e das práticas de leituras uma vez que, como sublinhou Roger Chartier, leitores criam novos textos e constroem significados.

O rol se completa com outros três estudos, circunscritos a autores específicos, mas reveladores das relações e práticas vigentes no mundo literário brasileiro em diferentes momentos. Michele Asmar Fanini examina a trajetória literária de Júlia Lopes de Almeida, prosadora vigorosa e que desfrutou de significativa notoriedade e reconhecimento entre seus pares. Os limites e tensões entre a condição feminina – leia-se esposa e mãe – e a de escritora são argutamente explorados ao longo do texto. A partir da análise de sua trajetória familiar, na qual se destaca o apoio paterno, no casamento com Filinto de Almeida, com quem construiu um “lar de artistas”, e no espaço que reservou ao exercício da atividade intelectual, a autora discute os pressupostos da representação social dominante a respeito da mulher e a maneira como a escritora posicionou-se frente às mesas. O preço imposto pela situação de gênero não foi pequeno: a Academia Brasileira de Letras, de cuja organização foi contemporânea, fechou suas portas para a romancista.

Outra escritora, num outro tempo e espaço: Clovis Carvalho Britto debruça-se sobre o percurso e o projeto criador de Cora Coralina, marcado pela excepcionalidade de alguém com pouco estudo formal, que adentrou nos embates do campo literário muito tarde – seu primeiro livro foi publicado em 1965, quando contava 76 anos – e praticamente destituída de qualquer capital simbólico. Valendo-se dos instrumentais fornecidos por Bourdieu, o autor examina a recepção da obra de Cora pelos críticos e instituições literárias e esclarece não apenas as estratégias por ela mobilizadas, mas também a força e capacidade de legitimação conferida pela opinião do festejado poeta Carlos Drummond de Andrade.

Os apontamentos de Flávio de Moura a respeito da recepção do livro de poemas *Elefante*, de Francisco Alvim, fecham o conjunto. Sem discutir os méritos literários da obra, o desafio é averiguar porque despertou tanta atenção entre os responsáveis pela produção de cadernos e publicações culturais na grande imprensa. Moura destaca o papel da chancela editorial (Companhia das Letras) e o processo de constituição de uma imagem pacientemente tecida que, pelo menos no âmbito do discurso, distancia a editora das questões meramente comerciais. Em seguida, passa em revista as avaliações empreendidas pelos críticos, para se deter mais longamente nas que opuseram Roberto Schwarz e Paulo Franchetti. Manejando com destreza sugestões de Bourdieu, o autor desvenda o não dito que guiou as apreensões da obra,

Apresentação

num empreendimento que colabora para entender escolhas e compromissos dos que intérpretes da produção literária.

O leitor tem à sua disposição, portanto, um conjunto instigante de textos, que se apropriam de forma crítica de aspectos variados das contribuições de Pierre Bourdieu para a Sociologia Literária.

